

COISAS
DA

VIDA

SEXO
MULHER DE 40 ANOS DESMITIFICA A PRÁTICA DO
SADOMASOQUISMO, EM QUE PRAZER E DOR SE MISTURAM
PÁGINA 3**SAÚDE**
FUTURAS MAMÃES DEVERÃO ESTAR ATENTAS A ALTERAÇÕES
NO CORPO DURANTE O PRAZO DE GESTAÇÃO
PÁGINA 6

Carlos Vieira



O CINEASTA WILLIAM ALLVES IDEALIZOU A MOSTRA DE CURTA-METRAGEM DE TAGUATINGA, COM FILMES EXIBIDOS AO AR LIVRE: "ESSE TRABALHO É PARA QUE AS PESSOAS ABRAM OS OLHOS E COMECEM A DISCUTIR A ARTE"

ALÉM DO PLANO PILOTO

NUMA SÉRIE DE TRÊS REPORTAGENS, O CORREIO PERCORRE AS CIDADES DO DF PARA MOSTRAR QUE, EM TODA BRASÍLIA, A ARTE NÃO PÁRA

Nahima Maciel, Klecius Henrique e Gustavo Galvão
Da equipe do Correio

Mesmo com os recursos limitados das Divisões Regionais de Cultura (DRCs), artistas e grupos das cidades do Distrito Federal mantêm viva a necessidade de expressão, apresentando-se nos espaços locais. Alguns conseguem ultrapassar os limites geográficos e já são nomes conhecidos do circuito cultu-

ral nacional, como o *rapper* Xis de Ceilândia. Nessa primeira reportagem, a equipe do Correio passeia por Taguatinga, uma cidade de artistas inquietos, Núcleo Bandeirante, onde os museus contam a história dos pioneiros, e Samambaia, que ainda esboça a formação de uma identidade cultural.

TAGUATINGA UM BOCADO DE SANTO CRISTO

Taguatinga está nos versos de *Faroeste Caboclo*, da Legião Urbana. É lá que João de Santo Cristo virou aprendiz de carpinteiro. Hoje, ele se tornaria artesão, artista plástico, escultor ou escritor. Isso porque a cidade que primeiro abrigou o personagem criado por Renato Russo é celeiro de artistas das mais diversas áreas. Como Santo Cristo, eles não páram quietos no mesmo canto.

Embora não exista levantamento do número exato de artistas de Taguatinga, é fácil identificá-los em exposições na cidade (ou mesmo no Plano), nas prateleiras de escritores do Distrito Federal e, também, nos festivais de cinema pelo Brasil a fora. Foi lá, por exemplo, que o veterano João Batista de Andrade (*O Homem que Virou Suco*) rodou parte de seu filme *Rua Seis Sem Número*. Também em Taguatinga, o cineasta William Allves idealizou *Cem Anos de Perdão*, rodado no Plano.

Para não ficar em dúvida com Taguá, como a cidade é carinho-

samente chamada pelos moradores, Allves criou a Mostra de Curta-Metragem de Taguatinga. Em setembro, a mostra foi vista tanto na cidade, quanto em Ceilândia — ao ar livre e de graça. “Esse trabalho é para que as pessoas abram os olhos e comecem a discutir a arte”, avalia o diretor.

Sem dinheiro como a maioria das Divisões Regionais de Cultura (DRCs), a de Taguatinga está investindo na divulgação de artistas plásticos e escritores da cidade em projetos que quase não requer muito recursos. O Empresa Amiga da Cultura, por exemplo, faz dos restaurantes, lojas e repartições públicas da cidade galerias. Neles, depois de exibir seus portfólios, os artistas expõem seus trabalhos, sem pagar um tostão por isso.

O diretor da DRC de Taguatinga, Gilvan Alves, orgulha-se pelo cadastro de mais de 40 galerias. O projeto é elogiado por gente como o escultor Omar Franco, o artista plástico mais conhecido de Taguá: “É uma parceria que continua inteligente.”

O Empresa Amiga da Cultura só não é perfeito porque a produção

artística ainda é inferior à quantidade de espaços abertos à divulgação. Com o mesmo propósito, foi criado a Estante do Escritor. Ela disponibiliza livros brasilienses no Hospital Regional de Taguatinga e na Feira de Artesanato, na C-1. Em breve, o programa será levado às agências do BRB.

Nem tudo é festa. Com o Teatro da Praça em dificuldade, grupos da cidade, como o Mamulengo Presepada, Ceieiro das Antas e Mamulengo Saruê, sofrem para conseguir pautas na cidade. Agora, torcem para que o recém-inaugurado Centro Cultural do Sesi agite a vida artística.

NÚCLEO BANDEIRANTE REDUTO DE MUSEUS

O Núcleo Bandeirante é a cidade dos museus. Foi nessa vila que os pioneiros se instalaram para construir Brasília. A concretização do sonho de Juscelino Kubitschek está no Museu Vivo da Memória Candanga e no Catetinho, ambos ligados à DRC da cidade.

No Museu Vivo, além de fotografias da construção da capital, estão reconstituições cênicas de lugares históricos. O local conserva o que sobrou dos móveis originais do Hotel Brasília Palace, destruído pelo fogo, e fotografias de Joaquim Paiva e Fontenelle, o motorista de JK e autor das primeiras imagens de Brasília.

No que hoje é o Museu, funcionou o primeiro hospital brasiliense. O prédio central foi inteiramente recuperado para receber exposição permanente e os edifícios anexos são usados para oficinas de cerâmica, papel reciclável e tecelagem.

Já no caminho para o Gama, alguns quilômetros à frente, está o Catetinho, a primeira residência de Juscelino no Planalto Central. O prédio projetado por Oscar Niemeyer conserva toda a estrutura original.

Fora do roteiro turístico, o Núcleo Bandeirante não chega a ter um perfil artístico. A diretoria regional de cultura, Márcia Alves Figueiredo, garante que há muitos artistas plásticos na cidade, mas não há nenhum cadastro de quantos são. Jorge Eschriqui é o

nome mais conhecido das artes plásticas no Núcleo Bandeirante, mas realiza a maioria de suas exposições no Plano Piloto.

SAMAMBAIA NOITES VAZIAS

A sina do morador de Samambaia é esperar. Primeiro pelo lote, após a criação do assentamento em 1989. Depois, pela infra-estrutura. Semana passada, os habitantes esperavam pelo 12º aniversário da cidade, no dia 25 de outubro. As comemorações costumam agitar o lugar com shows variados, atividades comunitárias e desfile de policiais militares.

Na verdade, é uma forma de compensar a fraca movimentação cultural do resto do ano. “O aniversário é o único forte daqui. É como se Samambaia deixasse de ser subúrbio de Taguatinga por um dia”, comenta a professora Gisleine Monteiro. Ela se diz orgulhosa por morar ali, mas reconhece que sempre vai a Taguatinga quando quer se divertir. Do isso tem em Taguatinga, que fica aqui do lado.”

Diretor da DRC, Evaldo Barros garante que o quadro está mudando. Até porque a população cresce, exige mais. Para agradar a 180 mil habitantes, ele acena com oficinas de teatro, biblioteca com 18 mil livros, espaço para exposições no Parque Ecológico Três Irmãs e a Feira Permanente.

O “forte do lugar” é a música. A DRC tem registrados 19 grupos locais. Destes, 12 são de pagode. Nenhum alcançou projeção fora do próprio reduto. Evaldo Barros garante que não é por falta de incentivo. “Sempre privilegiamos o trabalho das bandas daqui. Quando possível, tentamos chamar todas para tocar no aniversário”, aponta. É muito pouco. O jeito é cavar espaço em Taguatinga e Ceilândia. E esperar. Dessa vez, pela sorte e pelo reconhecimento.

LEIA AMANHÃ

CINEMA E HIP HOP

O PERFIL CULTURAL DE CEILÂNDIA, GUARÁ E SANTA MARIA